

**GRINDR: MICROTERRITORIALIDADE HOMOSSEXUAL EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES/RJ**

**GRINDR: HOMOSEXUAL MICROTERRITORIALITY IN CAMPOS DOS
GOYTACAZES / RJ**

Tatiane Dias Tavares¹
Thais Dias Tavares²

Resumo: As microterritorialidades urbanas são aqueles locais que em um determinado momento ou horário é apropriado por um determinado grupo social e em outros momentos ou períodos do dia outros grupos sociais se apropriam desse mesmo espaço. Nesse sentido, buscou-se analisar as microterritorializações promovidas por homens homossexuais na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, que se apropriam dos espaços da cidade muitas vezes a fim de encontrar seus pares para relações afetivas e sexuais. Assim, pretendeu-se identificar de que maneira estes se apropriam do espaço e as diferentes formas de representação. Como também diagnosticar se as relações mediadas eletronicamente produzem e/ou reforçam essa microterritorialidade gay na cidade. Deste modo, foi realizada uma análise da influência do aplicativo Grindr para o reforço das microterritorialidades *gays* na cidade de Campos dos Goytacazes.

Palavras-chave: Microterritorialidade. Internet. Homossexuais. Campos dos Goytacazes.

Abstract: Urban microterritorialities are those places that at a given moment or time is appropriate by a particular social group and at other times or periods of the day other social groups appropriate the same space. In this sense, we sought to analyze the microterritorialisations promoted by homosexual men in the city of Campos dos Goytacazes / RJ, who appropriate the spaces of the city often in order to find their peers for affective and sexual relations. Thus, it was intended to identify in what way these appropriated space and the different forms of representation. As well as diagnosing whether electronically mediated relations produce and / or reinforce this gay microterritoriality in the city. In this way, an analysis of the influence of the Grindr application was made to reinforce the gay microterritorialities in the city of Campos dos Goytacazes.

keywords: Microterritoriality. Internet. Homosexuals. Campos dos Goytacazes.

Introdução

A discussão a respeito da homossexualidade ao longo dos últimos anos vem adquirindo notoriedade nas pesquisas acadêmicas. Devido à luta dos homossexuais na luta

¹ Instituto Federal Fluminense. E-mail: tatianediastavares@outlook.com

² Mestranda em Geografia pelo PPGG/UFF Campos. E-mail: thaisdiastavares@outlook.com

pelos seus direitos, pelo reconhecimento de suas famílias, fez com que este movimento crescesse ainda mais na busca da visibilidade das Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais - LGBT's. A expansão da Internet representa uma nova ferramenta de combate ao preconceito, auxiliando a divulgação das notícias relacionadas ao movimento e como forma de publicação das conquistas alcançadas ou noticiar situações de preconceitos.

Na presente pesquisa, utiliza-se como ferramenta de análise a Internet, pois essa possibilita maior comunicação entre os sujeitos, dessa forma provoca uma facilidade de conectividade entre os participantes dessa interação. Construindo deste modo uma nova dinâmica de relação entre as pessoas suscitando a afinidade dos sujeitos com o espaço em que vivem. O espaço geográfico saiu do campo do real, constituindo um espaço virtual. Através do meio virtual que podemos entender os novos tipos de territorialidades.

A Internet de acordo com estudos de Bernardes e Turra Neto (2013) é uma ferramenta para expansão e criação de territórios devido à facilidade de divulgação que a rede proporciona para interação entre os sujeitos. Para Bernardes e Turra Neto (2013) a Internet facilita a divulgação de informações, provocando a coexistência de diferentes grupos sociais no mesmo espaço virtual.

Contudo há perguntas que se pretenderam responder com esta pesquisa, como em que medida, aplicativos de redes geossociais³ para *smartphones*,⁴ como o Grindr, influenciam os *gays* para onde ir, e como através desse aplicativo é criado o "microterritório *gay*" na cidade. Nesse sentido, buscamos descrever, entender e analisar as dinâmicas e as relações dos homens homossexuais assim como seu modo de apropriação do espaço e a produção da microterritorialidade desse grupo e suas diferentes formas de representação.

Secionamos os homens homossexuais porque em pré-análise para essa pesquisa identificamos que esse é o grupo dentro dos LGBT's em Campos dos Goytacazes que mais se articulam na Internet e promovem o encontro em determinadas áreas centrais da cidade de Campos dos Goytacazes.

Nesse viés, conjecturamos uma análise do sujeito que se relaciona com o meio virtual e de que forma este meio virtual se reflete na sociedade, imprimindo nela mudanças sociais, comportamentais, de relacionamentos entre indivíduos, culturais e territoriais. Onjetivou-se

³ Uma rede geossocial é um tipo de rede social que inclui funcionalidades relacionadas com a georreferenciação, tais como a geocodificação ou a geoetiquetagem.

⁴ Telefones móveis da terceira geração tecnológica, conhecidos também como os celulares inteligentes.

através dessas e outras questões entender qual a relação que se estabelece do mundo virtual com o território a partir de aplicativos de rede geossocial.

Metodologia

Dentre as microterritorialidades urbanas existentes selecionamos aquelas influenciadas por aplicativos de rede geossocial e que tem como objetivo o lazer de um determinado grupo social para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa que foi aplicada na cidade de Campos dos Goytacazes.

Sendo assim, a partir de um questionamento-chave – como em que medida as relações de interface produzem microterritorialidade – erguemos a hipótese que as relações mediadas eletronicamente estabelecem novas formas de sociabilidade e colocamos os seguintes pressupostos que nortearam as atividades desenvolvidas nesta pesquisa, identificar os locais e lugares na cidade de Campos dos Goytacazes e o desenvolvimento da microterritorialidade *gay*; Como as relações mediadas eletronicamente reforçam essa microterritorialidade; Além de analisar e interpretar os sujeitos quanto a influência das relações mediadas eletronicamente como as relações face a face na decisão de quais locais frequentarem.

Para entendermos como funciona essa sociabilidade e como esta pode produzir microterritórios, foram entrevistados dez homens homossexuais que utilizam as mídias sociais e residem em Campos dos Goytacazes. Entretanto, num recorte específico, selecionamos cinco usuários, porque entendemos que foram esses que mais contribuíram para a presente pesquisa.

As entrevistas seguiram a metodologia estruturada aberta e ocorreram de forma presencial no período de abril a julho de 2016. Cada entrevista teve uma variabilidade de tempo de um sujeito para outro, ficando em uma média de vinte minutos. Selecionamos os entrevistados em eventos LGBT's da cidade de Campos dos Goytacazes, sejam em festas ou em encontros e seminários acerca da temática homossexual.

Nesse sentido, as entrevistas foram de suma importância para que conseguíssemos identificar os locais da cidade de Campos dos Goytacazes que produzem microterritorialidade *gay*, além de identificar quais aplicativos de rede geossocial mais utilizados pelos homens homossexuais de Campos dos Goytacazes.

Todos os entrevistados sabiam previamente da realização da pesquisa e mesmo que tenhamos selecionado os cinco entrevistados mais relevantes, não foram descartados outros homens homossexuais em trabalho de campo. Na verdade, foram observados diversos homens homossexuais e ainda ocorreram diversas conversas informais em campo, porque entendemos que para perceber como essa microterritorialidade é produzida se faz necessário o mergulho do pesquisador nas dinâmicas desse grupo pela observação sistemática para indicar, entender e interpretar as distintas relações existentes.

Por fim, após esta breve descrição da metodologia de pesquisa desenvolvida para a identificação, interpretação e entendimento da microterritorialidade gay e suas respectivas sociabilidades virtuais e reais explanemos a análise dos resultados alcançados.

Identidade, microterritorialidade e homossexuais

Para iniciar a discussão acerca da microterritorialidade homossexual é importante destacarmos o conceito de identidade que para Bauman (2005) é como um horizonte ao qual o sujeito se objetiva, se censura, afere e ajusta suas ações, em outras palavras onde o sujeito se espelha e se define. Segundo Bauman (2005) a identidade é algo a ser inventado, ou seja, o sujeito não nasce com uma identidade pré-estabelecida, na verdade a identidade é construída ao longo da vida.

De encontro a este pensamento Hall (2000) afirma que “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta.”. Hall (2000) argumenta que existem identidades que são silenciadas por determinados grupos dominantes na sociedade e que diversas identidades podem fazer parte de um sujeito. Seria o que Hall chama de identidades pessoais.

Determinadas identidades podem ser qualificadas como minorias dentro de um perfil dominante da sociedade, com isso, muitas podem sofrer com a discriminação ou até mesmo sofrer pressão para uma adequação dentro de um padrão social pré-definido pela sociedade dominante. Cabe ressaltar que nem toda minoria sofreria necessariamente exclusão, porém no caso dos homossexuais que é o objeto de estudo dessa pesquisa, é possível perceber esse processo de exclusão de identidade.

No entanto com o decorrer dos anos somados às lutas por visibilidade deste grupo é possível notar que a identidade homossexual vem ganhando espaço. Pode-se afirmar que os homossexuais através de seus conjuntos de significações simbólicas se encaixam no conceito

de “campo social” de Pierre Bourdieu (1984) que acredita na produção de espaços de vivência através do afeto entre os sujeitos do grupo.

Desse modo, entendemos que diversas identidades compõem o sujeito e que o homem é um ser social, e procura na sociedade os seus semelhantes, em busca de vivenciar e compartilhar a sua identidade com o outro. Essa vivência se dá no espaço, sendo assim, o homem se apropria do espaço e através de suas identidades agrega significado ao espaço produzindo assim uma territorialidade.

Podemos então afirmar que a identidade homossexual produz uma territorialidade no espaço, ou melhor, uma microterritorialidade, que de acordo com Denez (2012, p. 12):

[...] se expressam em grupos que confrontam a autoridade e dominação, caracterizados por possíveis grupos excluídos que constroem uma identidade em torno de suas necessidades, ou grupos que possuem uma área de atuação que está em processo de expansão, confrontando territorialidades maiores ou resistindo à expansão sobre suas áreas de existência e atuação.

Para Costa (2012, p. 263) locais que produzem microterritorialização são:

[...] pequenas parcelas do espaço (“cantos” e “pedaços” de praças e ruas, trajetos de deslocamento, assim como certas frequências em determinados estabelecimentos como bares e, até mesmo, instalações públicas) [...] tenuamente apropriados por um agregado de sujeitos que se fazem presentes e exercem certas práticas.

Podemos dizer que as microterritorialidades urbanas são aqueles locais que em um determinado momento ou horário é apropriado por um determinado grupo social e em outros momentos ou períodos do dia outros grupos sociais se apropriam desse mesmo espaço. Costa (2007) afirma que a microterritorialidades urbanas são formas de agregação humana que conformam as configurações espaciais contemporâneas.

Os diversos grupos sociais existentes se apropriam e convivem no espaço urbano, e através das diferentes práticas culturais e identitárias que os grupos sociais se diferenciam entre si e produzem microterritorializações como afirma Costa (2002) ao dizer que são:

territorializações que se produzem no cotidiano (COSTA, 2002); por isso são tênues, com fronteiras de convivência elásticas, informais e facilmente permeáveis, muitas vezes estando sobrepostas e altamente mutantes em curtos períodos pela diversidade de grupos que se desterritorializam e retornam a se territorializar. (COSTA, 2005, p. 3671)

Nesse viés Fortuna (2012) afirma que as microterritorializações de grupos sociais estão baseadas na partilha de afetos e emoções. O que podemos identificar claramente nas

microterritorializações promovidas por homossexuais que territorializam os espaços da cidade muitas vezes a fim de encontrar seus pares para relações afetivas e sexuais.

Fortuna (2012) argumenta que as microterritorialidades ocorrem a partir das relações sociais, e que essas caracterizam o microterritório, ou seja, as características específicas de um determinado grupo social vão agregar as especificidades de uma microterritorialidade. Além disso, Fortuna (2012) afirma que é possível existir uma microterritorialidade no espaço virtual que para o autor é o espaço que a sociabilidade é a característica dominante.

Fortuna (2012, p. 201) afirma que as microterritorialidades:

São também fenômenos situados nos lugares ou, mais objetivamente, em espaços de pequena escala com gente dentro, o que lhes confere, em consequência, uma dimensão humana e territorial particular. Mas é precisamente a qualidade de imprimir expressão humana e social a estes espaços, incluindo os “espaços” virtuais, que confere a estas territorialidades a natureza eminentemente social que ostentam.

Os microterritórios e suas manifestações preencheram os espaços da cidade. A concretude das expressões afetivas e de sociabilidade dos sujeitos que produzem essas relações ainda que não ocorram permanentemente no espaço caracterizam esses locais. Quando um determinado grupo deixa de produzir sua sociabilidade momentânea nesse espaço outro grupo diferente ocupa e agrega ao mesmo espaço significância.

Percebemos nas cidades diversas apropriações do espaço por grupos transitórios, ou seja, grupos que ocupam um determinado espaço em um momento do dia produzem sua sociabilidade e posteriormente se desfazem como afirma Heidrich (2013, p. 85):

[...] o espaço geográfico tem sido objeto da transgressão e da ousadia, da manifestação daquilo que não é norma, do que é visto como desvio, como, por exemplo, as microterritorializações homoeróticas (COSTA, 2008), as ocupações punks (TURRA NETO, 2004) [...].

Nesse viés, percebemos nesta pesquisa a existência de microterritórios produzidos por homens homossexuais em área central na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Partindo desse pressuposto buscamos entender como se fazem as relações de interface dentro desse grupo e se essas influenciam os sujeitos para onde ir à cidade. Conjecturamos que as relações sociais produzidas por este grupo através de aplicativos de redes geossociais para *smartphones* podem promover o encontro no espaço urbano de pares com o mesmo objetivo e dessa forma reforçam os microterritórios existentes.

As mídias sociais como vetores de territorialidade

A nova dinâmica de telecomunicações altera as relações econômicas e sociais, esta abrange desde as escalas globais até as escalas locais, as relações comerciais de grandes empresas e Estados e comportamento urbano da sociedade em seu dia-a-dia.

As telecomunicações têm a capacidade de encurtar as distâncias; a tecnologia da informação permite uma abordagem muito mais livre da escolha da localização (Daniels, 1993); diz-se que os satélites são independentes da distância. O efeito total das atuais inovações tecnológicas é a possibilidade de transferir informações audiovisuais e de dados a baixo preço a qualquer distância a um tempo quase real. (Zdravko Mlinar, 1990, p. 58 -59 *apud* SANTOS, 2006, p. 199).

A partir da percepção da alteração da dinâmica de relações sociais constituídas com a inserção do meio técnico-científico informacional e com a facilidade de comunicação devido as redes de telecomunicações, colocamos em discussão neste trabalho a utilização dos aparatos técnicos de comunicação para a microterritorialidade de certos grupos sociais, especificamente os homoafetivos. Ainda, destacamos se estes meios de comunicação são capazes de tornar os espaços mais próximos devido à distância não ser mais um empecilho para que as pessoas possam se relacionar.

Trazemos para o debate acerca da nova dinâmica das telecomunicações a rede de Internet. Ela muitas vezes se confunde com a rede de telefonia fixa e a rede de telefonia móvel porque na atualidade a acessamos por meio de *PCs*, telefones celulares, *smatphones*, *tablets* etc. Contudo, a rede de Internet se trata de uma rede de telecomunicação específica. Possui uma infraestrutura específica, mesmo que associada a outras redes de telecomunicações.

A Internet pode ser vista como um mecanismo de disseminação de informação e interação dos sujeitos e computadores independentemente de suas localizações geográficas. A Internet revolucionou as formas de se comunicar pelo mundo e envolve não somente aspectos tecnológicos como também político, sociais e organizacionais.

Desde seu surgimento em 1960, a Internet passou por diversas transformações até chegar a sua versão atual que permite o sujeito a produzir relações mediadas eletronicamente que podem influenciar as dinâmicas cotidianas e produzirem territorialidade.

As novas conexões sociais promovem a coexistência de diferentes territorialidades em um mesmo espaço. Para a seleção do objeto de estudo, levamos em consideração uma área que possui infraestrutura de rede de Internet e telefonia móvel em boa qualidade atendendo a demanda da população. O que tornou possível diagnosticar as influências das relações de interface dentro do movimento LGBT.

Determinados grupos sociais fazem uso de redes sociais e de sites de compartilhamento para estabelecer relações de interface, que segundo Costa e Bernardes (2013) são “aquelas mediadas eletronicamente, como um modo contemporâneo de manifestação das identidades e das diferentes territorialidades”.

Essas interações geram um novo tipo de território criando uma relação entre os internautas que utilizam essas ferramentas virtuais para disseminar as suas ideias e desse modo produzir formas contemporâneas de sociabilidade, que para Simmel (1983) é a participação espontânea das pessoas nas relações sociais e nos grupos; esses escolhidos mais por afinidade do que por interesse, e assim causam novas territorialidades que podem ser presenciais ou mediadas pela Internet.

As relações mediadas eletronicamente possibilitam que os sujeitos interajam entre eles sem mesmo ir ao local na cidade onde ocorrem os eventos, possibilitam um consumo da cidade por estes sem que se faça necessária o encontro pessoalmente. Através dessas relações eletrônicas é possível que os sujeitos se orientem para que locais irem ou ainda terem informações de outros locais, atividades e eventos que ocorrem na cidade e em outras.

Assim, podemos afirmar que as novas formas de comunicação e interação através da Internet faz com que as pessoas estejam sempre conectadas a rede. E, que os *smartphones* têm importante papel para a criação dessas novas microterritorialidades, pois é através da inserção desses dispositivos móveis que houve modificações tecnológicas significativas e assim criaram os mais diversos aplicativos de interação virtual.

Deste modo, Lemos (2010, p. 9) afirma que:

Com a Internet móvel e locativa não se trata de investigar as relações desmaterializadas do ciberespaço. Como tudo se passa em um contexto local, concreto e material, temos de olhar como uma rede de atores (redes, dispositivos, sujeitos, contexto) altera o processo comunicacional no espaço urbano; como se tencionam comunicação e espacialização.

Nesse viés percebemos que as relações dinâmicas dos internautas produzem formas contemporâneas de sociabilidade e deste modo reconfiguram o espaço urbano e abroham novas formas de territorialização. De acordo com Simmel (1983) a sociabilidade traz a experiência da afetividade entre as pessoas que se identificam com um determinado grupo e produz uma sensação de bem-estar e pertencimento ao grupo. Partindo desse pressuposto concordamos com Costa e Bernardes (2013) que afirmam que milhares de pessoas buscam na Internet lazer, parceiros, sexo e relacionamento. Podemos relacionar essa busca aos mais diversos motivos como, por exemplo, medo da solidão, falta de tempo e o embaraço de achar alguém. É notório que essas dificuldades são intensificadas quando falamos acerca dos relacionamentos homoafetivos, por conta dos pensamentos de nossa sociedade heteronormativa e discursos que tangem a religiosidade.

Pela existência dessas dificuldades dissertadas a cima, percebemos a diversidade de aplicativos para *smartphones* de relacionamento e paquera destinado ao público homossexual e bissexual do gênero masculino. Trata-se de redes geosociais que buscam parceiros que estejam próximo geograficamente e que estejam à procura de relacionamento e principalmente de sexo.

É sabido que não se trata de existir somente aplicativos com estes fins para homossexuais, pelo contrário, existem os mais diversos aplicativos de redes geosociais para o público heterossexual e cissexual. Contudo, percebemos que por medo de homofobia, homossexuais buscam lugares específicos como bares mais privativos, e isso não seriam diferentes no espaço virtual. Por isso, diagnosticamos o Grindr como o aplicativo de rede geossocial que mais tem adesão e popularidade entre os homossexuais.

O Grindr foi criado em 2009 pelo norte-americano Joel Simkhai. O criador afirma que teve a ideia do aplicativo visto a necessidade de encontrar alguém virtualmente rapidamente para um encontro presencial. Joel afirma que muitos aplicativos e sites não levavam em conta a localização geográfica das pessoas e isso impossibilitava o encontro presencial em curto prazo de tempo.

O aplicativo possui três versões, duas básicas que não requer assinatura e uma versão *premium* necessitando desta forma de uma assinatura que custa por volta de US\$ 2,49. Com o Grindr o usuário cria um perfil que possui alguns detalhes pessoais como nome, idade, altura,

peso, classificação étnica, status de relacionamento do usuário, o que ele busca no Grindr, a faixa etária que o mesmo busca no aplicativo e foto.

Desta forma, através desse perfil é possível que o usuário inicie uma busca de homens disponíveis. Essa busca aparece em forma de uma grade de imagens com os perfis dos homens disponíveis dos mais próximos aos mais distantes geograficamente do usuário que iniciou a busca. Também há opções de bate-papo, de enviar fotos exclusivamente para outro usuário e tornar um perfil “favorito”.

Figura 1 - Interface do APP Grindr



A diferença da versão do aplicativo gratuito para versão paga está basicamente na quantidade de perfis que o aplicativo carrega de uma só vez após a busca do usuário, além de não ter anúncios e propagandas. Em suma a potencialidade do aplicativo é a possibilidade do encontro rápido através de redes de geolocalização. Através do recurso de GPS (*Global Positioning System*) o Grindr tornou-se uma forma popular das pessoas interagirem no mundo virtual e no mundo real.

Sendo assim, podemos afirmar que o Grindr é uma importante ferramenta de articulação das novas formas de sociabilidade existente. Mais especificamente quanto ao público homossexual, o aplicativo é um potencializador da sociabilidade *gay*. Podemos afirmar que o Grindr é utilizado muitas vezes para descobrir quem também é *gay* que está perto do usuário.

Desta forma, ocorre uma significação e/ou resignificação da sociabilidade, do homem com o lugar, do homem em vivência social e com a tecnologia à medida que em uma boate

uma determinada pessoa habilite o aplicativo para saber quem naquele ambiente é *gay*, e mais, quem está disponível. Assim, descobrindo um homem *gay* há poucos metros depende somente dos usuários do Grindr o desenvolvimento ou não desse encontro.

Nesse viés, pré-selecionamos como um dos objetos desta pesquisa o aplicativo Grindr, que promove o encontro face a face de seus usuários no espaço urbano. O aplicativo busca aproximar homens homossexuais, seja reconhecendo-os em ambientes fechados ou em outros locais diversificados, promovendo em muitos casos a produção de uma microterritorialidade *gay* na cidade. Desta forma, foi possível analisar e entender as microterritorialidades produzidas pelo aplicativo Grindr na cidade de Campos dos Goytacazes e suas formas de apropriação.

A microterritorialidade *gay* em Campos dos Goytacazes/RJ

O município de Campos dos Goytacazes está localizado a 279 km da Capital, faz parte da região Norte do Estado do Rio de Janeiro. No que diz respeito à cultura, Campos dos Goytacazes é definida por Silva (2009) como uma cidade bastante peculiar e vai mais adiante ao afirmar que a cidade é como “[...] um quadro emoldurado por um enorme conservadorismo que caracteriza os segmentos sociais mais bem aquinhoados [...]” (SILVA, 2009, p. 14). Esse conservadorismo é produto da identidade produzida em tempos de agroindústria açucareira das elites locais, que os faz acreditarem em um “reconhecimento da posição de autoridade legítima dos membros dessas elites, que assumiam a condição de representantes dos interesses regionais junto às diversas escalas de poder público [...]” (CRUZ, 2006, p. 34).

Neste viés Silva e Bila (2007) afirmam que “[...] Campos dos Goytacazes foi e ainda é uma cidade onde os valores tradicionais estão bastantes presentes. Não raro, as pessoas locais, sobretudo aquelas de classe média que se consideram ‘especiais’ perguntam aos desconhecidos a que família eles pertencem. [...]”. Podemos dessa forma afirmar que a sociedade campista é predominantemente heteronormativa e por ser em sua maioria de valores tradicionais e conservadores apresentam intolerância aos homossexuais o que pode ser notado ao analisarmos os dados estatísticos quanto a casos de homofobia no município.

Deste modo, buscamos entender como os homens homossexuais da cidade de Campos dos Goytacazes se articulam no espaço urbano. De que forma eles promovem encontros e

festividades. Como em meio a uma sociedade conservadora eles encontram seus pares e o quanto as mídias sociais auxiliam essas buscas e mantêm a discrição de muitos perante a sociedade.

Em busca dos homens homossexuais de Campos dos Goytacazes fomos ao 1º seminário da diversidade de Campos dos Goytacazes, evento realizado por coletivos militantes LGBT's da cidade e que teve seus eventos realizados na Universidade Federal Fluminense e no Instituto Federal Fluminense. O evento teve entre suas atividades mesas redondas abordando questões de gênero. Nesse evento conhecemos JC⁵, *gay*, 21 anos, de Santo Antônio de Pádua, mas atualmente mora em Campos dos Goytacazes em uma república em campos com três amigas, veio para cidade porque faz faculdade de Geografia na UFF.

JC conta que seu primeiro beijo em um homem foi aos 17 anos, mas não se recorda quando foi sua primeira relação sexual com homem. Relata que teve diversas experiências sexuais casuais até começar a namorar um rapaz a cerca de um ano e que só nesta relação se sentiu seguro em ter relações sexuais que envolvessem sentimentos. JC comenta que em sua fase de transição foi bem difícil se relacionar sexualmente com homens ainda estando em dúvida se era *gay* ou não.

Questiono quanto ao relacionamento familiar dele e como foi se assumir homossexual para família, JC afirma:

Assim que eu comecei a namorar, sentei com minha mãe e conversei com ela, abri o jogo e ela foi totalmente contra, em primeiro momento, não aceitava, mas com o decorrer do relacionamento ela percebeu que não era daquele jeito que a sociedade colocava de que homossexual está ligado à prostituição, que nunca vai constituir uma família, que não vai poder ter filhos. Eu meio que fui desconstruindo essa ideia na cabeça da minha mãe. Mas ela não me deixou contar para ninguém da minha família, só que no meio de 2015 meu pai descobriu e de uma forma ruim, só que meu pai foi muito amigo, ele me disse que independente da minha opção sexual era para eu ser o que eu sou independente do que as pessoas vão achar. No geral hoje minha família é normal, minha mãe conversa comigo, ela é minha melhor amiga como sempre foi, por isso eu me senti tranquilo ao me abrir com ela, minhas irmãs aceitam, todo mundo tinha uma relação muito boa com meu ex-namorado, eu namorei em casa por 1 ano e 3 meses.

Segundo JC, sua primeira experiência com homem foi na faculdade e para entender o que estava acontecendo consigo recorreu à Internet. O mesmo relata que através de vídeos que

⁵ A fim de preservar a identidade dos entrevistados substituímos seus respectivos nomes por *nicknames* que são bastante usados por diversos sujeitos que fazem uso de rede geossocial como o Grindr.

começou a sanar suas dúvidas. Para JC a Internet tem muita influência em sua vida, pois foi através dela que conseguiu entender se aceitar *gay*.

Eu queria entender se eu realmente era homossexual ou era bissexual e porque isso estava acontecendo comigo. E o Youtube foi uma forte ferramenta de auxílio para mim neste momento, diversos vídeos com questionamentos de quem estavam se descobrindo, além de sites sobre a temática também. Eu pesquisava porque eu não entendia o que eu estava sentindo, o que eu estava passando e a Internet foi fundamental para essa descoberta e para sanar minhas dúvidas.

Os vídeos com relatos de outras pessoas na mesma situação que JC o ajudaram a falar com sua mãe, a como lidar com a homossexualidade na sociedade e na família. JC afirma que tinha medo de ser *gay*, de ser rotulado, de sofrer preconceito e que a Internet o ajudou muito a se libertar.

Os canais do Youtube com a temática LGBT foram/são muito importantes para JC, e o mesmo afirma que o Canal das Bee e o põe na roda o ajudam muito com as questões da homossexualidade, além de influenciar seus gostos músicas, filmes e seriados. Porque para ele querendo ou não o estilo musical de um jovem *gay* é em sua maioria o pop e ele afirma que sempre gostou desse estilo musical e que através da Internet conseguia ter acesso às músicas e as divas Pop.

Segundo Costa (2012) a vinculação de *gays* as músicas pop e as divas das músicas pop se deu entre os anos 1970 e 1980 através da indústria musical na época da *disco music* e da *dance music*, e com o a boate *Studio 54* nos Estados Unidos que se tornou point do público *gay*. Nessa época o jeito de dançar imitando as divas da *dance music* caracteriza os *gays* e na década de 1990 com a indústria musical investido massivamente nos vídeos clipes e o surgimento do canal musical MTV, fortalece esse vínculo da musicalidade pop e das divas com os *gays*.

De acordo com Costa (2012, p. 264):

Gay apresenta-se como um culto ao movimento, à dança frenética, a adoração às divas da música pop e a reprodução da vida como uma passarela de moda ou como um vídeo clipe (principalmente devido ao aparecimento da MTV nos anos 90). Todos orientados sexualmente para o mesmo sexo deveriam experimentar o padrão alternativo *gay*, assumir-se e “sair do armário”.

Então questionamos JC a respeito das mídias sociais mais especificamente os aplicativos de redes geosociais e o mesmo afirma fazer uso de aplicativos de “pegação”

sempre e que inclusive havia conhecido seu ex-namorado em um aplicativo, o Tinder⁶. JC explica ainda que esses aplicativos têm finalidade de “pegação” mesmo que nunca conseguiu trocar ideias, ou ter ajudas quanto a questões familiares ou de preconceito através desses aplicativos. Ele diz que já recebeu bastante ajuda em redes sociais como Facebook, mas em aplicativos de “pegação” nunca.

Então perguntamos a JC como ele faz para encontrar os homens que conversa através das redes geosociais, se há um lugar específico na cidade para esses encontros e o mesmo afirma que em Campos dos Goytacazes não têm boates *gays* nem bares *gays* e que por conta disso um pub na cidade tornou-se o point *gay* mais badalado da cidade e que mesmo não sendo uma boate *gay* é lá que se encontram “as *gays*”.

Olha realmente eu acredito que o underground seja o point *gay* de Campos, mas também tem outros lugares que há uma concentração de *gays*, como o *fluir* que é um bar alternativo da cidade, e quando tem as festinhas alternativas na cidade que não são em locais fixos também bomba, aquelas festas mais famosinhas como a Royals, Pop-se.

The Underground é um pub com capacidade de público pequena de aproximadamente 84 pessoas, localizado no bairro Parque Tamandaré, área nobre da cidade de Campos dos Goytacazes. O pub não foi criado para o público homossexual, inicialmente havia festas de bandas de *rock in roll* o que limitava o público as pessoas mais simpatizantes ao gênero musical em questão.

Com o decorrer do tempo os donos do pub começaram a diversificar suas festas e seus *DJ's* e com isso surgiram festas com gêneros musicais mais voltados para o pop e músicas populares. Essa diversificação das festas atraiu um novo público para o pub, os homossexuais, e fez com que o pub se tornasse um ponto de encontro dos *gays* de Campos, dando assim um novo significado a este pub.

O pub funciona de terça a sábado e no decorrer da semana ocorrem diversas festas e bandas no pub, mais especificamente as sextas-feiras e sábado as festas são voltadas para as músicas pop atraindo assim o público homossexual. Dessa forma percebemos a produção de uma microterritorialidade *gay* no The Underground pub.

⁶ app norte-americano cujo objetivo, segundo os fundadores, é conectar pessoas com interesse comuns de modo simples e rápido, proporcionando interação virtual e possíveis encontros face a face e que tem como seu público alvo os heterossexuais.

As festas citadas por JC, a Royals e Pop-se, são festas famosas na região norte fluminense, pessoas de outros municípios vão a Campos dos Goytacazes para participar dessas festas. As festas atraem imensamente os homossexuais, mas não fazem slogan de “festa *gay*”, se definem como festas alternativas, talvez esse não uso do rótulo “festa *gay*” seja por conta do conservadorismo presente na sociedade campista.

Essas festas acontecem pelo menos três vezes no ano e em locais diferentes pela cidade, às vezes em boates e casas de eventos da aérea nobre da cidade, outras vezes em casas de eventos em áreas suburbanas de Campos dos Goytacazes.

Com o crescimento de público nessas festas assim como seu sucesso na região, outras festas começaram a surgir pela cidade fazendo com que os homossexuais tenham mais locais de encontro e festividade pela cidade. Com a popularização da Internet e principalmente das redes sociais é notório o crescimento do público homossexual em Campos dos Goytacazes consumindo o lazer noturno da cidade.

Anteriormente existiram boates *gays* na cidade, como por exemplo, a boate Up! que era localizada na região central da cidade, teve seu funcionamento por cerca de 4 anos até encerrar suas atividades que especula-se ter sido por nunca ter tido elevado número de público. Em outros casos como bares voltados para o público LGBT se limitavam ao público universitário da cidade e não abrangendo a sociedade campista em geral.

Os coletivos e movimentos ligados ao ativismo LGBT de Campos dos Goytacazes também são recentes. Para se ter ideia a Parada do Orgulho LGBT de Campos dos Goytacazes teve somente nove edições, e não tem muita visibilidade, nem número expressivo de participantes e todas suas edições foram concentradas no Parque Guarus, bairro periférico da cidade.

Percebemos que na Internet o movimento LGBT em Campos dos Goytacazes vem ganhando visibilidade e que as redes sociais como Facebook são utilizadas como ferramenta de articulação do movimento LGBT e também como meio de divulgação de eventos da temática LGBT, sejam elas de festividade ou não. Percebemos dessa forma a produção de um ciberespaço ou de um território-rede homossexual que é refletida no espaço. Ou seja, a territorialidade virtual tem sua concretude no meio real à medida que os homossexuais produzem uma sociabilidade virtual e através dessa se apropriam do espaço e dão a ele significado gerando assim uma microterritorialidade.

Em trabalho de campo na festa Pop-se encontramos TH, *gay*, 20 anos, de Santo Antônio de Pádua, mas atualmente mora em uma república em Campos dos Goytacazes, pois cursa História na UFF. TH diz que se percebeu *gay* desde criança, que foi de forma natural e que sempre teve atração por homens; mas que sua mãe não sabe que ele é homossexual, TH acredita que ela desconfia, mas ele nunca se assumiu em casa.

Por mais do que eu dê pinta dentro de casa eu nunca conversei sobre. Sofro bastante preconceito por ser afeminado principalmente em casa. Eu não me sinto bem na casa da minha mãe, principalmente quando minhas irmãs estão lá, eu me sinto oprimido. Escuto muito os meus familiares falarem: “ah tá dançando igual uma mulherzinha!” E na rua também sofro muito preconceito.

TH afirma que utiliza bastante à Internet e aplicativos de “pegação”, porém o que teve mais importância em sua vida como homossexual foi à entrada na universidade. “Eu me sinto muito à vontade para ser quem eu sou na universidade, lá eu consigo me libertar.”. TH afirma que utiliza muito os aplicativos de “pegação” porque o “gaydar⁷” dele não funciona e que os aplicativos auxiliam muito ele na noite.

Ele argumenta que por diversas vezes sai à noite para um bar e por influência do aplicativo vai para outro lugar encontrar seus pares. TH diz que além de sexo consegue fazer bastante amizade através dos aplicativos e que dessa forma ele consegue ir para os locais certos e nos horários que mais “bomba” de *gays*.

Questionamos TH a respeito dos lugares que ele frequenta para encontrar outros homens homossexuais e o mesmo dispara:

Olha quando eu quero conhecer as bee de Campos eu vou para o Underground, lá é a fonte; e quando eu quero encontrar meus amigos, trocar ideias, até muitas vezes marco de conhecer alguém do aplicativo vou para a fluir, a fluir é o que há!

A fluir dita por TH é um bar alternativo de Campos dos Goytacazes chamado Deixa Fluir, Figuras 2 e 3, muito frequentado por universitários o bar é conhecido por unir diversas tribos em um só lugar. Diferentes grupos encontraram nesse bar incluindo LGBT's mais especificamente os homens homossexuais.

⁷ Gaydar é como os gringos chamam a capacidade de uma pessoa em sacar se a outra é *gay* ou não. Seria um radar *gay*, especialmente usado para identificar os homossexuais mais discretos ou enrustidos e, reza a lenda, a maior parte dos próprios *gays* o tem e conseguem achar uma pessoa com a mesma orientação sexual no meio de uma multidão.

Quando abriu o bar o dono não tinha intenção de ter um bar alternativo que agregasse as mais diferentes tribos, mas alguns relatos narram que o bar foi ficando popular entre os universitários e jovens em geral por conta dos preços mais acessíveis.

O bar está localizado na Pelinca, bairro nobre de Campos dos Goytacazes e famoso por concentrar a noite campista. Funciona de terça-feira a sábado e alguns dias da semana têm atrações como DJs e música ao vivo. Um bar de característica informal, o cliente vai até ao balcão para ser servido e em sua maioria o público fica em pé na área externa do bar ou até mesmo na rua. Exatamente esse clima de informalidade que faz o Deixa Fluir atrair cada vez mais frequentadores, TH afirma que aquela movimentação externa e na rua do bar que deixa o lugar propício aos flertes e encontros.

Figura 3 - Deixa Fluir Bar área interna.



Fonte: autora.

Figura 2 - Deixa Fluir Bar do lado de fora.



Fonte: autora.

Ainda que o bar receba semanalmente um grande público LGBT não é muito difícil de escutar relatos de homofobia entre os frequentadores do Deixa Fluir. Os incidentes são tantos que o Coletivo LGBT Gaytacazes⁸ começou a se posicionar a respeito dos casos ocorridos e esta situação nos remete ao ponto já discutido anteriormente sobre o conservadorismo presente na cidade de Campos dos Goytacazes e como há um número crescente de casos de homofobia e crimes de ódio no município.

⁸ Coletivo construído por estudantes das universidades de Campos dos Goytacazes e que tem como objetivo desconstruir estereótipos que os LGBT's carregam todos os dias.

Podemos afirmar que por conta desses casos rotineiros de homofobia no bar Deixa Fluir e por se tratar de um bar muito aberto não permitindo a privacidade de muitos que não querem se expor ou daqueles que não são homossexuais assumidos que em sua grande maioria os homens homossexuais preferem o encontro no The Underground pub, que está ilustrado nas Figuras 4 e 5.

Figura 5 - The Underground Pub área externa



Fonte: autora.

Figura 4 - The Underground Pub área interna.



Fonte: autora.

Em trabalho de campo em festas no The Underground pub, conhecemos PR, de 18 anos, de São Fidélis/RJ, professor de alfabetização em São Fidélis e cursa História na UFF, mora em uma república em Campos dos Goytacazes. PR relata que foi vítima de estupro quando tinha 7 anos e foi o primo que cometera a violência. Segundo PR o primo o forçava a homossexualidade e somente aos 14 anos teve relação sexual com uma menina e gostou, a partir disso começou a se relacionar com ambos os sexos e hoje se reconhece como homossexual e afirma só ter tido uma experiência boa com homem aos 17 anos. PR conta que sua experiência no último ano (2015) com homem foi maravilhosa e que a pessoa sabia de tudo que havia ocorrido em sua vida sexual ao longo dos anos.

Perguntamos a PR como é a relação com sua família e se eles sabem de sua homossexualidade e de tudo que aconteceu com ele na infância. Ele prontamente dispara “mãe sempre sabe!”, continua falando que seus pais são divorciados e que na casa de seu pai banca o “hétero”. Afirma ainda que sua mãe não sabe o que passou na infância, ele alega que nunca contou porque foi um primo que o abusou e tem receio de contar e gerar um grande problema familiar.

Mas eu não contei, ela já viu um menino lá dentro de casa, mas eu não contei e ela prefere acreditar que eu vou casar e dar netos a ela. Mas assim a família já sabe e hoje devido à liberdade que tenho de estar em outra cidade e que a universidade oferece, eu tô um pouco digamos “rodado”, mais aberto, mais disposto as minhas vontades, eu realmente me assumi. Ser livre, ter uma liberdade muito intensa. Mas chegar para minha mãe e falar, não, porque ela mesma já me pediu isso (para não falar), ela disse filho se você for falar algo que sabe que vai me magoar, por favor, não fala porque eu prefiro acreditar no filho que eu idealizo. Então para não magoar ela, porque eu acho que o medo maior dela não é o fato de eu ser, mas sim o medo do que podem fazer comigo.

PR afirma ter sofrido bastante preconceito inclusive no próprio meio homossexual por ser afeminado.

Quando você vai conversar com um cara, ele já pergunta logo é afeminado ou não? Como se isso fosse ditar o caráter ou a conduta de alguém, a forma de ser, como a pessoa é. Então eu sofri muito preconceito, na infância diversos apelidos pelo jeito que eu sou, mas a gente vai levando. Nunca sofri agressão física, mas verbal muitas, de ficar mal em casa.

A Internet segundo PR teve papel fundamental para ele superar os preconceitos que sofria e até mesmo no processo de aceitação. PR acreditava que ser homossexual era uma escolha e através de vídeos na Internet entendeu que ser homossexual é uma condição, que a pessoa nasce assim. Ele acredita que teve muita dificuldade de aceitação e de entender a homossexualidade porque teve uma educação vinculada aos dogmas religiosos, o mesmo relata que cresceu frequentando igrejas e até mesmo hoje em dia frequenta igreja e se considera evangélico, ele brinca: “ah bicha evangélica (risos) ”.

Hoje eu entendo que a Internet me ajudou muito no processo de entender, de analisar os diferentes pontos de vista e também na putaria né gente, uma webcam, a troca de nudes⁹ fundamental... gente tem um site que era o poder... o cam4¹⁰, esse site teve muita influência porque eu usava ele para ganhar dinheiro. No site as pessoas se mostram pela webcam e ganham dinheiro com isso, e eu fazia isso, é um passado sujo mas eu não me envergonho disso acredito que temos que nos orgulhar de nossa própria história.

Quando questionamos se ele faz utilização de mídias sociais, ou seja, de redes geosociais PR rapidamente responde: “o que, querida? Eu sou a rainha, passo mal! Grindr,

⁹ Fotos de uma pessoa nua.

¹⁰ O site é um agregador de shows eróticos em webcams. Cam4 reúne voyeurs interessados em prazer e remuneração.

Scruff¹¹, Bender¹², Tinder, isso tudo eu uso, viado!”. PR discorre sobre sua experiência nas redes sociais e aplicativos de “pegação”, comenta que encontrou muito apoio nas redes sociais, que fez bastantes amizades e acredita que isso tenha acontecido porque o mesmo afirma que gosta de manter laços afetivos com quem ele já tenha se relacionado. Mas que por outro lado encontrou muita gente que faz uso das mídias sociais somente para humilhar e menosprezar o outro.

As redes sociais me ajudaram bastante quando estava passando por um período muito ruim com baixa auto-estima, porque aquela situação de você postar uma foto e ter “super likes” massageia seu ego. Mas também encontrei muita gente para me menosprezar.

PR afirma que vê muitas pessoas recorrerem aos aplicativos de rede geossocial em busca de uma autoafirmação e a fim de inflar seu próprio ego. Argumenta que os aplicativos acabam produzindo mais preconceito dentro da comunidade *gay*. Segundo PR as pessoas vão para o aplicativo e não querem se relacionar com pessoas feias, afirma que todos querem se relacionar com os mais bonitos, ainda que a beleza seja uma característica muito particular de cada um, porque o que é belo para um pode não ser belo para um outrem. Mas PR acredita que essa busca pelo o mais belo acaba segregando os que não são vistos pela maioria como portadores de beleza.

Questionamos se essa situação de segregação dentro da comunidade *gay* se limita ao espaço virtual ou se estende para o espaço real, por exemplo, em uma boate ou festa *gay* e PR sem hesitar afirma que nas baladas *gays* se sente observado e julgado o tempo todo, para ele seria como se as pessoas falassem “olha lá o afeminado”. Segundo PR a noite *gay* prevalece uma relação de caça e caçador, as pessoas te observam o tempo todo e ele diz não se sentir confortável nessas situações.

Eu gosto de sair em um grupo de amigos, porque quando não estou em um grupo de amigos eu fico preocupado em qualquer balada, eu fico com medo de algo acontecer comigo, e no meio dos meus amigos além de eu me divertir mais eu me sinto seguro e independe de qual balada estou pode ser *gay* ou “hétero”.

¹¹ O Scruff é o aplicativo de encontros e rede social preferido de uma comunidade de mais de 5 milhões de *gays*, bi e curiosos do mundo todo. No SCRUFF você encontra todos os tipos que lhe atraem: rapazes musculosos, jovens atléticos, ursos, esportistas vigorosos, universitários, militares, nerds e muitos outros.

¹² Uma rede social para conheceres homens na comunidade *gay*.

Esses casos de segregação por conta da beleza dentro do grupo dos homens homossexuais nos remetem as questões de consumo e da corporeidade. Percebemos através do estudo da corporeidade “(...) o corpo como fonte de todas as experiências espaciais dos indivíduos” (CLAVAL, 2002, p. 22). Desse modo, podemos afirmar que é através do corpo que se dá a organização espacial e que isso ocorre em todas as fases da vida de um ser humano. Nesse viés, Tuan (1983, p. 39) afirma que “o corpo é uma ‘coisa’ e está no espaço ou ocupa o espaço”.

Partindo desse pressuposto podemos afirmar que “territorializar é se apropriar também corporalmente do espaço, é, no fundo, criar/produzir espaço”. (SERPA, 2013, p. 25). De acordo com Tuan (1983) o corpo é a própria medida de movimento e de direção, sendo assim, ele exterioriza a subjetividade de cada sujeito, podemos assim entender como se dá cada apropriação dos homens homossexuais no espaço urbano de Campos dos Goytacazes. Seja pelos locais que promovem o encontro, pelas roupas, trejeitos, cortes de cabelo, forma de andar, ou seja, todo o movimento corporal e de tudo que está relacionado ao seu corpo. Todo esse conjunto que está atrelado ao corpo se mostra como características de um grupo social específico como os *gays*.

Podemos afirmar que esse conjunto corporal é uma maneira de mostrar para a sociedade a existência desse grupo algumas vezes invisibilizados pela sociedade heteronormativa como afirma Valverde (2012, p. 22):

Consequentemente, é preciso considerar que o grupo, por menor que seja, possa gerar tantos conflitos, estimular tantas sensibilidades diferentes em relação a sua presença no espaço público que os poderes hegemônicos serão levados a considerar os efeitos de suas territorialidades.

O estudo da corporeidade no grupo de homens homossexuais dialoga abertamente com as questões do consumo porque podemos identificar certos produtos especificamente consumidos por esse grupo, assim como determinadas marcas de roupas, sapatos e etc. Para Bauman (2008) o consumo classifica, categoriza, delimita grupos. Portanto podemos afirmar que o ato de consumir significa investir na aflição social de si próprio, o que, em uma sociedade de consumidores entendemos como vendabilidade, que é alcançar qualidade para as quais já existe uma demanda no mercado e buscando aumentar o consumo fazendo com que

os grupos se formem a partir do consumo de um determinado produto que agregará significado para aquele grupo e até mesmo para as pessoas que se fazem oposto a esse grupo.

Desta forma é criada uma sociedade baseada no consumo e a relação construída entre o consumidor e o consumido é estreitada fazendo com que o produto e o cliente sejam parte de uma única e indivisível estrutura, compondo assim uma única mercadoria.

Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humana conhecida, de maneira abreviada como “sociedade de consumo”. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. (BAUMAN, 2008, p.19)

Nesse viés devemos considerar a significação dos símbolos que surgem a partir do consumo, porque é justamente o valor que cada grupo dá a esse símbolo que faz com que os diferentes grupos possam se diferenciar entre si. Desta forma Corrêa e Rosendahl (2003, p. 29) argumentam que:

A atribuição de significados, inerente a cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização- de fórmulas verbais a trajes e gestos- associadas a elas.

Para Baudrillard (2008) um determinado grupo detém características específicas através da significação dos símbolos assim como são moldados pelo espaço onde são constituídos. Além disso, o grupo atribui ao espaço suas características e dessa forma moldam o espaço tornando a relação do grupo com espaço dinâmico e contínuo. Baudrillard (2008, p. 34) afirma que:

O homem acha-se então ligado aos objetos ambientes pela mesma intimidade visceral (guardadas as devidas proporções) que aos órgãos do próprio corpo e a “característica” do objeto tende sempre virtualmente a recuperação desta substância por anexação oral e “assimilação”. (BAUDRILLARD, 2008, p.34).

Deste modo esses grupos fazem com que os territórios existam como afirma Turra Neto (2004, p. 280):

Território envolveria assim, necessariamente, um espaço apropriado por um grupo, como forma de se constituir e de se manter como um grupo em relação a outros grupos. Envolveria o estabelecimento de uma relação de inclusão e de exclusão e de comunicação dos limites por meio de algum sinal reconhecível pelos grupos que se colocam no jogo de negociação por espaço.

Quando falamos de território, abordamos as relações de poder existentes nele, em pequenas e grandes proporções, que diferem os níveis de importância dos grupos, que modificam suas identidades. Percebemos assim que um mesmo espaço pode ter vários territórios existindo concomitantemente, partindo do pressuposto que em um mesmo espaço teremos a formação de vários grupos que possuem suas individualidades e que devem ser consideradas, apesar de partilharem o mesmo espaço para exercer sua territorialidade, fazendo com que comecem a ser formar microterritórios, como no caso desta pesquisa os microterritórios *gays*.

Avançando na entrevista pergunto a PR se ele se sente à vontade no The Underground pub e ele afirma que sim, que quando ele quer sair para se divertir com os amigos e não ter medo de ser quem é; ele vai para o underground e sempre se diverte, faz novas amizades e que conheceu face a face muita gente dos aplicativos nos quais ele possui perfil no Underground. Ele afirma que todas as “bichas” de Campos dos Goytacazes se não frequentam o pub semanalmente, vão para lá pelo menos algumas vezes no mês. PR diz que não consegue se sentir bem em ambientes que ele não pode ser quem ele verdadeiramente é, onde ele não pode declarar sua homossexualidade.

Um lugar que eu me sinto muito mal mesmo é perto de Bolsonaro (risos)! Mas sério, eu me sinto muito mal porque eu sou professor, e eu deveria trabalhar gênero com meus alunos, mas eu não posso trabalhar gênero e sexualidade com eles porque os pais dos meus alunos vão olhar o caderno deles e vão ver as questões de gênero e vão dizer “o professor é ‘viado’ está ensinando meu filho a ser ‘viado’”, então eu muitas vezes me sinto mal exercendo minha profissão.

No The Underground Pub também entrevistamos BS, 25 anos, professor de Geografia em uma escola particular de Campos dos Goytacazes. BS é de Cardoso Moreira, mas reside na cidade de Campos a 6 anos. BS afirma que sempre foi *gay*, que nunca teve problemas em sua descoberta e não teve problemas para se assumir. Afirma que quando foi contar para sua família que era homossexual todos abertamente disseram que já sabiam e que estavam aguardando o momento de ele contar.

BS argumenta que independente de mídias sociais os *gays* se conhecem e se identificam em qualquer lugar facilmente através de sinais como o olhar, trejeitos e vestimenta. BS diz que essa sensibilidade é o famoso “gaydar”. Mas que ainda sim ele faz muito uso de aplicativos de “pegação” porque às vezes ele necessita de uma proximidade mais rápida e objetiva.

BS diz que o aplicativo que ele mais usa é o Grindr, e que este é um aplicativo para sexo, ele conta que todas as pessoas que conheceu no Grindr foram para ter relações sexuais. Para BS os homens não estão com perfis no Grindr para fazer amizade ou trocar ideias, nem nada disso, os homens estão ali a procura de sexo. BS acredita que o aplicativo é puro sexo.

Muitas vezes no Grindr estão os *gays* enrustidos de Campos, eu mesmo já fiquei com um cara que tinha namorada, e nós tivemos muita afinidade, mas ele me disse que não poderia seguir a diante, pois tinha namorada; ou seja, o cara tinha um perfil no Grindr só para satisfazer suas vontades homossexuais de forma discreta.

Para BS, o aplicativo de “pegação” ajuda a manter as pessoas enrustidas em suas vidas fake¹³. O aplicativo como o Grindr faz com que as pessoas estejam em uma mesma balada e não precisem abordar um ao outro face a face. Segundo BS o aplicativo te possibilita estar em uma balada e ver em tempo real quem que está naquele ambiente tem perfil no aplicativo e assim o sujeito pode começar a paquera virtual e se tudo se desenvolver satisfatoriamente o sujeito consegue seu par e não vai para casa sozinho no fim da noite.

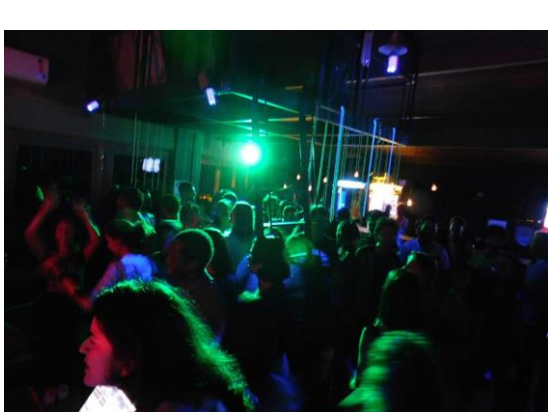
BS afirma ainda que frequenta bastante um pub recém-inaugurado em Campos dos Goytacazes, o Altos 539. De acordo com BS é uma casa noturna que começou a funcionar a pouco tempo na cidade, mas que já se tornou *point* dos *gays* da cidade. O mesmo afirma que por conta das festas alternativas, de muita música pop e por ser um local discreto rapidamente o Altos 539 “ganhou” o público *gay*.

Lá (no Altos 539) é um clima super alternativo e barato. A gente estava precisando de um lugar assim porque as vezes fico de saco cheio de só ir no underground. E sem contar que lá rola umas festas durante a semana babadeira.

¹³ É um vocábulo do idioma inglês e quer dizer falso, falsificado ou falsificação. A palavra é usualmente empregada para definir o caráter de um indivíduo, ou ainda para caracterizar uma peça, utensílio ou produto que não é original, mas que foi adulterado.

Fomos ao Altos 539, afim de identificar se em pouco tempo o pub já se tornou uma microterritorialidade *gay* da cidade de Campos dos Goytacazes. O Altos 539 - Bar | Galeria, Figuras 6 e 7, está localizado no Centro de Campos dos Goytacazes e funciona de quarta a sábado, tendo em sua programação festas alternativas diferentes toda semana. Festas com DJ's da cena pop, eletrônica e populares, shows com bandas alternativas e karaokê de músicas pop e populares o bar e galeria adquiriu espaço entre os jovens *gays* da cidade.

Figura 7 - Altos 539 - Bar | Galeria área interna.



Fonte: autora.

Figura 6 - Altos 539 - Bar | Galeria área externa.



Fonte: autora.

No Altos 539 Bar | Galeria entrevistei HL, 28 anos, vendedor, de Campos dos Goytacazes. HL conta que até os 16 anos se relacionou com mulheres, mas que se sentia atraído sexualmente por homens, mas sempre se reprimia por causa de sua família e da sociedade. Até que em uma viagem a cidade do Rio de Janeiro se relacionou com um homem e finalmente “saiu do armário”.

Eu cresci tendo uma mãe muito preconceituosa com os homossexuais, eu escutava desde pequeno que garoto deve gostar de garota e garota deve gostar de garoto. Quando eu percebi que eu era um pouco diferente do que minha mãe me ensinou eu fui atrás de uma ajuda psicológica. A primeira coisa que veio na minha cabeça foi que minha mãe não me aceitaria de jeito nenhum e eu preciso dar um jeito de mudar isso, daí eu comecei a namorar meninas, ficar com meninas para ver se as coisas mudavam, mas não mudava nada dentro de mim e aí na terapia eu comecei a entender muito sobre mim, sobre quem eu sou, entender que não era errado, que era algo natural. Eu nunca disse para minha mãe o porquê eu ia ao psicólogo eu só dizia que precisava muito ir e ela aceitava isso. Até que um dia eu fiz uma viagem com meus tios para o Rio e lá eu conheci um menino e acabou rolando e eu voltei da viagem não querendo mais lutar contra quem eu era, voltei querendo me assumir.

HL conta que teve muito apoio de um padrinho para se assumir e para enfrentar a sociedade. Ele ainda conta que quando se assumiu teve que sair de casa porque a mãe não o

aceitou e por conta disso começou a trabalhar bem cedo e não teve muita oportunidade de prosseguir os estudos, mas que sente muita vontade de fazer faculdade e ter um emprego melhor.

HL afirma que sofreu muito preconceito que Campos dos Goytacazes é uma cidade bastante preconceituosa e que perdeu vários amigos no processo de “sair do armário” e que hoje percebe uma mudança na cidade mesmo que pequena, HL conta que percebe hoje na cidade mais lugares para frequentar e conseguir agir naturalmente e se envolver emocionalmente com alguém do mesmo sexo.

Campos está mudando, ainda vejo muito preconceito principalmente no mercado de trabalho, mas na noite já melhorou bastante. Hoje eu encontro muitos *gays* nos bares, nas boates, nas baladas em geral e isso era difícil a um tempo atrás, parecia que era todo mundo enrustido. Mas eu acho que a Internet ajudou muito, a Internet faz a gente ter mais conhecimento, não ter vergonha de ser quem somos e também facilita o encontro dos *gays*, ou ajuda a que bar frequentar e porque não frequentar outros.

Sobre aplicativos de “pegação” HL conta que possui perfis em todos os aplicativos possíveis e que ele possui dois perfis em cada aplicativo. Ele explica que possui dois perfis porque um perfil é mais voltado para “pegação”, ou seja, achou um homem interessante e já quer se relacionar imediatamente, e o outro perfil é mais voltado para paquera, fazer amizade, de fato conhecer alguém interessante que ele possa quem sabe se envolver emocionalmente.

Eu tenho perfil no Tinder, no Grindr, no Hornet e outros. O Grindr é o meu preferido para momento, se eu quero um cara agora... é Grindr. O Tinder é paquera, e o Hornet ta meio caído estou pensando em deletar, porque é pornográfico de mais, é um aplicativo safado de mais.

Para HL através dos aplicativos uma pessoa pode ter todo tipo de relacionamento possível e perto de você, no seu bairro, no seu trabalho, na balada, em qualquer lugar uma pessoa consegue utilizar e ter diferentes relações com quem ela encontra nessas redes geosociais.

Se você está buscando sexo, você encontra sexo. Se você está buscando amizade, você vai encontrar amizade, depende muito do que você se propõe. Eu sou muito claro quando converso com uma pessoa se eu não to afim do sexo rápido eu digo olha eu não tô procurando sexo eu tô realmente querendo conhecer alguém, a gente pode se encontrar mais vai ser para curtir sem avançar muito.

Questionamos se além das relações que os aplicativos promovem se esses também condicionam os lugares que ele frequenta pela cidade de Campos dos Goytacazes e HL afirma que sim, e que até quando ele viaja para outras cidades os aplicativos o ajudam muito, a saber, onde “as *gays* se escondem”.

Fatalmente! Hoje eu frequento o Altos por causa de aplicativo. Aqui abriu tem uns meses e já bombou de *gays*. Dia de quinta aqui fica lotado de *gays*, as bichas adoram palco, karaokê pop então elas marcam presença aqui e eu vim parar aqui a primeira vez porque um “boy” no Grindr disse que aqui era ótimo, que dava para curtir e era reservado e quase não tinha hetero.

Por meio desses aplicativos é possível identificar um local próximo do usuário que tenha outro usuário, e dessa forma muitos usuários se encontram em um determinado local e não em outro. Podemos afirmar assim que os aplicativos de rede geosociais tem forte influência em onde ir para os homens homossexuais de Campos dos Goytacazes, e que através desses aplicativos houve uma maior concentração de homens homossexuais no The Underground Pub e no Altos 539 Bar | Galeria produzindo assim a microterritorialidade *gay* de Campos dos Goytacazes.

O The Underground Pub por si só apresenta características que atraem o público homossexual como o já citado gênero musical e determinadas festas em alguns dias da semana. O que percebemos é que com a inserção dos aplicativos de rede geossocial ocorre um reforço dessas microterritorializações. Assim como, o Altos 539 Bar | Galeria que desde sua criação é voltado para um público mais alternativo da cidade e promove eventos voltados diretamente para este público e em poucos meses de funcionamento (o Bar e Galeria funciona desde maio de 2016) se tornou extremamente atrativo aos grupos homossexuais de Campos dos Goytacazes.

A microterritorialização *gay* no The Underground Pub se dá pela rápida sociabilidade existente entre os *gays* no pub em determinada festa, em dias específicos e que se desfaz ao fim do evento. Concordamos desse modo com Costa (2010, p. 9) que afirma que existem microterritórios onde relações coletivas humanas acontecem numa dinâmica incrivelmente rápida no sentido da construção e desconstrução de espaços de convivência e a da transitoriedade dos indivíduos que participam de tais agregações.

Já no Altos 539 Bar | Galeria a microterritorialização *gay* acontece semanalmente todos os dias em que o local está em funcionamento. Evidente que em determinados dias da

semana há um maior fluxo de *gays* no local, como por exemplo, as quintas-feiras, mas de uma forma geral o bar e galeria atraindo de quarta-feira a sábado um público *gay* considerável e que são motivados a frequentar o bar e galeria para que seja possível o encontro com seus pares no lazer noturno de Campos dos Goytacazes.

Podemos ainda incluir como um microterritório *gay* de Campos dos Goytacazes o bar Deixa Fluir que possui uma grande concentração de homens homossexuais semanalmente e que mesmo tendo diversos casos de homofobia no local esses homens homossexuais não deixam de frequentá-lo, e isso vai ao encontro à própria definição de Costa (2010) de microterritório que argumenta ser uma área de interação ou conflito.

É o microterritório urbano (como uma área que delimita a interação e/ou o conflito entre práticas racionais e afetivas e dá forma às práticas sociais singulares que se diferenciam de outras por fronteiras flutuantes e instáveis) que efetiva a própria agregação social e suas características singulares. Por se estabelecer por processos de interação entre movimentos globais e experiências locais e pela dialética entre empirismo e incoerência e lógica formal coerente, cada microterritório urbano tende a ser uma totalidade singular em relação com outras totalidades que podem ser entendidas em diversas condições escalares. (COSTA, p. 9, 2010)

Desse modo podemos afirmar que o The Underground Pub, o Deixa Fluir Bar e o Altos 539 Bar | Galeria são microterritórios de homens homossexuais na cidade de Campos dos Goytacazes e o surgimento desses microterritórios fortalecem as interações desse grupo no espaço. Costa (p. 11, 2010) afirma que:

microterritórios produzidos [...] fortalecem a própria produção, manutenção e condicionam a agregação humana ou sociabilidade. Sendo assim, a sociabilidade produzida por esse grupo virtualmente é refletida no espaço tornando as mídias sociais ferramentas de articulação desse grupo pelo espaço urbano.

Importante destacarmos que em sua maioria os homens homossexuais observados, abordados durante o campo e entrevistados fazem uso de aplicativos de redes geosociais ficando evidente a influência dessas ferramentas no cotidiano desse grupo. Mas não podemos deixar de sinalizar os homens homossexuais que não fazem uso desses aplicativos e que alegam não se sentirem à vontade utilizando aplicativos como o Grindr, alguns por serem mais reservados ou por acharem desnecessário esse tipo de exposição na Internet. Mas quando citado a procura de ajuda ou apoio nas redes sociais e canais de Youtube é quase unânime a importância dessas ferramentas entre os jovens *gays* que participaram dessa pesquisa.

Percebemos que os canais do Youtube não produzem influência de onde o sujeito deve ir para encontrar seus pares na cidade de Campos dos Goytacazes, mas tem papel importante no entendimento e amadurecimento da sexualidade e principalmente nas relações familiares desses jovens, que muitas vezes se identificam com os temas abordados nos vídeos e seguem as informações e conselhos disponibilizados pelo canal.

Ao fim dessa pesquisa percebemos como a cidade de Campos dos Goytacazes é conservadora e o quanto isso faz com que os homossexuais em geral tenham medo de ser quem realmente são perante a sociedade campista. Percebemos que grande parte dos *gays* não são assumidos e muitas vezes este fato está diretamente ligado a influência de famílias ditas tradicionais e dogmas religiosos.

Percebemos desse modo que a Internet tem importante papel para articulação, crescimento e territorialidade desse grupo social na cidade de Campos dos Goytacazes. As influências das mídias sociais aos sujeitos desse grupo social são evidentes e geram e/ou reforçam as microterritorializações pela cidade. Podemos afirmar que os microterritórios *gays* identificados e analisados nessa pesquisa estão diretamente envolvidos ao lazer noturno em área central da cidade de Campos dos Goytacazes e que existência de outros pelo município de Campos dos Goytacazes não foram abordados nesse estudo, que se limitou ao recorte à área central da cidade.

Considerações finais

Campos dos Goytacazes, como uma cidade média do interior do Estado do Rio de Janeiro, possui papel importante na economia da região norte fluminense. Com a amplitude do setor petroquímico e de universidades, a cidade elevou seu setor de serviços principalmente àqueles ligados ao lazer noturno. O espaço urbano de Campos dos Goytacazes vem sofrendo alterações nos últimos anos e isso implicou na produção de estabelecimentos como bares, restaurantes e casas noturnas. Esse processo de modificação veio acompanhado de uma maior diversificação cultural, pelas quais são motivadas novas territorialidades por conta do surgimento/crescimento de algumas identidades.

Essa pesquisa teve como recorte as especificidades da apropriação do espaço urbano de um grupo social específico os homens homossexuais. Ainda que muitas vezes esse grupo

permaneça camuflado em nossa sociedade heteronormativa, existem espaços na cidade onde se manifesta a sociabilidade desse grupo. Percebemos que na cidade de Campos dos Goytacazes podem existir diversos espaços de convivência dos homens homossexuais, contudo nos prostramos na presente pesquisa aos locais de lazer noturno em área central da cidade que seja frequentado pelos homens homossexuais. Entre eles, o The Underground Pub, o Deixa Fluir bar e o Altos 539 Bar | Galeria se destacaram como microterritorializações de homens homossexuais, que produzem uma espécie de espaço de reconhecimento das diversidades sexuais existentes.

O The Underground Pub, o Deixa Fluir Bar e o Altos 539 Bar | Galeria são frequentados por sujeitos heterossexuais e outros grupos existentes de LGBT's, porém esses locais possuem forte visibilidade quanto a conquista do espaço por homens homossexuais que adotam significado a esses estabelecimentos de lazer noturno ao seu grupo e agregam a esses locais características de espaço de diversidades sexuais e público plural.

As microterritorializações como as do The Underground Pub, Deixa Fluir Bar e Altos 539 Bar | Galeria são eruptivas pelas novas formas de comunicação contemporânea onde os sujeitos se articulam virtualmente a fim de identificar e promover possíveis sociabilidades com seus pares. Dessa forma, avolumam a sociabilidade contrapondo a segregação que esses sujeitos sofrem na sociedade por conta de sua homossexualidade.

Essas microterritorialidades são geradas e/ou reforçadas devido às relações de interface, isto é, as relações medidas eletronicamente por mídias sociais como as redes sociais e redes geosociais. Através das mídias sociais ocorre o reconhecimento de locais para possíveis encontros, como as festas que ocorrem as sextas-feiras e sábados no The Underground Pub.

Através de aplicativos de rede geossocial como o Grindr, os sujeitos encontram seus pares e reconhecem os locais na cidade onde podem promover o encontro face a face. Neste sentido, as microterritorializações, como as do The Underground Pub, Deixa Fluir Bar e Altos 539 Bar | Galeria são motivadas pela produção de sociabilidade virtual que as relações de interface geram.

Através das entrevistas pudemos ter maior contato com os sujeitos frequentadores desses locais que produzem microterritorializações *gays* na cidade, com isso identificamos a relevância que os canais do Youtube, tem para os jovens no processo de aceitação da

sexualidade, relações familiares e preconceito. Através de canais de Youtube que muitos homens homossexuais têm acesso a informações e obtém ajuda quando necessário.

Por fim, podemos afirmar que no que se diz respeito às microterritorializações *gays* nos locais de lazer noturno em área central na cidade de Campos dos Goytacazes, as relações mediadas eletronicamente atuam como ferramenta de articulação dos homens homossexuais que indica para onde ir na cidade. Redes geosociais influenciam os sujeitos na decisão de que dia, horário e local ir para encontrar seus pares.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo** - A Transformação das Pessoas em Mercadoria, 2008.

BERNARDES, Antonio Henrique; TURRA NETO, Nécio. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente – São Paulo. **Anais XIII Simpurb** – Simpósio nacional de Geografia urbana, Rio de Janeiro, 2013.

CLAVAL, P. “A Volta Do Cultural” Na Geografia. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, ano 01, nº 01, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenir. **Introdução a Geografia Cultural**, 2003.

COSTA, B. P. da; BERNARDES, A. Microterritorializações homoafetivas na cidade de Presidente Prudente-SP: O lazer noturno e as relações de interface. **Cidades**, Vol. 10, Nº 17 (2013).

COSTA, B. P. da. Reflexões sobre Geografia e cotidiano urbano. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre, 2010.

COSTA, B. P. da. **Por uma Geografia do Cotidiano**: Território, Cultura e Homoerotismo na cidade. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências da UFRGS. Porto alegre, 2007.

COSTA, B. P. da. As microterritorialidades nas cidades: refl exões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.6, n.2, p.257-271, jul/dez. 2012.

COSTA, B. P. da. Por uma Geografia do cotidiano sobre as tênues apropriações do espaço urbano: Microterritorializações em parques e praças de Porto Alegre/RS. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, 2005.

CRUZ, José Luís Vianna da. Origem, Natureza e Persistência das Desigualdades Sociais no Norte Fluminense. In: CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugenia Ferreira (Orgs.). **Formação Histórica e Econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 33-67.

DENEZ, Cleiton Costa. **Os conceitos de macro & microterritorialidades: uma análise dos processos relacionais no Assentamento 8 de Abril - Jardim Alegre/PR**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 7, n. 14, p. 1-22, ago., 2012

FORTUNA, Carlos. **(Micro) territorialidades: metáfora dissidente do social**. In Revista Terra Plural. Ponta Grossa: v. 6, n. 2, p. 199-214, jul/dez. 2012.

FOUCAULT Contra Foucault. Direção: François Caillat. 2014. Título Original: Foucault Contre Lui-Même. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=fDbqoojXlyA>> acessado em: 05 de abril de 2016.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.): tradução: Tomaz Tadeu da Silva**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

HEIDRICH, Alvaro Luiz. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Revista Cidades**. Volume 10 nº 17, 2013

LEMONS, André. Você está aqui! Mídias locativas e teorias “materialidade da comunicação” e “ator-rede”. In: **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 54 jul/dez 2010. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2221/2309>> Acesso em 19 de abril de 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: _____. **Sociologia** (org. MORAES FILHO). São Paulo: Ática, 1983. p. 165 – 181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SILVA, Marinete dos Santos (Org.). **Gênero, Poder e Tradição na Terra do Coronel e do Lobisomem**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

SILVA, Marinete dos Santos; BILA, Fabio Pessanha. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA**, 8., Rio de Janeiro, Anpuh-Rio, 2007.

TAVARES, Tatiane Cardoso. Experiências espaço-tempo no século XXI: globalização, meio técnico-científico-informacional. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2015.

TUAN, Y-F. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURRA NETO, Nécio. Enterrado Vivo-Identidade Punk e Território em Londrina, Editora Unesp, 2004.

VALVERDE, R.R.H.F. Corporidade e Multiterritorialidade na Geografia Cultural: Além da dominação, da resistência e da tradição. **Revista do departamento de Geografia – USP**, volume especial 30 anos, 2012,p. 4-25.

*Recebido em 12 de julho de 2018.
Aceito em 25 de novembro de 2018.*